

**PRECONCEITO RACIAL: NO MEIO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE TABATINGA,
AMAZONAS BRASIL.**

Gloria Maria Gonçalves Pedroza¹
Wesley Catique de Oliveira²
Daniela Diandra Carvalho Franco³

¹UEA Tabatinga / Licenciatura em Letras, gloriaspo49@gmail.com

²UEA Tabatinga / Licenciatura em Letras, wesleycatiquedeoliveira5@gmail.com

³UEA Tabatinga / Licenciatura em Letras, danieladiandra3112@gmail.com

RESSUMO

Por meio da certificação de dificuldades de ordem social humana, o presente trabalho tem como objetivo fazer um panorama do preconceito racial predominante no município de Tabatinga, Amazonas Brasil, tendo como base para obtenção dos resultados, a pesquisa qualitativa, a princípio podemos concluir que as pessoas estão carregadas de estereótipos negativos e apresentam dificuldade de auto afirmação de ser negro, ou que optam por essa escolha para se protegerem do preconceito, que se apresenta aqui cristalizado pela sociedade, por ideias preconceituosas, mas que por outro lado a condição financeira interfere muito na forma de tratamento das pessoas negras, portanto estes resultados nos leva a compreender que existe a necessidade de reestruturação e reeducação das pessoas, buscando um processo de desconstrução das ideias e atitudes preconceituosas impressas na vida dos cidadãos Tabatinguense.

PALAVRAS CHAVES: Racismo. Preconceito racial. Estereótipos. Miscigenação

INTRODUÇÃO

Incitados pelo desejo de compreender a dificuldade de autoafirmação do negro, bem como a execução do preconceito racial no meio social do Município de Tabatinga, Amazonas, que este trabalho buscou apresentar um pequeno panorama desta problemática aqui estabelecido.

Muitas conquistas legais e judiciais ao longo do tempo contribuíram para minimizar a problemática racial, entretanto não foram eficazes ao ponto de eliminar o preconceito, o reflexo disso é a realidade transmitida por situações de apologia ao preconceito, mesmo que por muitas vezes mascarados por propagandas e a manipulação da mídia, e relações sociais no dia-dia.

¹ Universidade do Estado do Amazonas – UEA. gloriaspo49@gmail.com

² Universidade do Estado do Amazonas – UEA. wesleycatiquedeoliveira5@gmail.com

³ Universidade do Estado do Amazonas – UEA. danieladiandra3112@gmail.com

E para o cenário mundial a visão do Brasil, deve ser de plena harmonia com a sociedade, devido à grande diversidade cultural que temos, porém os meios de comunicações fazem jogo de interesses, pautados na perspectiva capitalista, criando cenários perfeitos com uma realidade totalmente distorcida do real.

Isso só reforça a ideia das histórias que veem sendo contadas ao longo do tempo, pondo sempre os colonizadores espanhóis e portugueses como heróis desta pátria, quando na verdade este é um retrato retorcido de tudo que este país e as pessoas que aqui já estavam viveram.

Encontramos uma série de acontecimentos considerados fundadores de nossa nação. Eles recontam nossa “fabula” reforçando nosso passado comum. A contribuição dos diferentes elementos é apresentada para justificar a composição e a participação do povo na construção da nação. Grande parte das publicações apresenta os índios como população nativas, os portugueses como descobridores, os negros como povos escravizados e a chegada dos imigrantes como marco de mudança nas relações de população. O Brasil é apresentado como possuidor de um território com fronteiras demarcadas, com um povo e um governo. Nestas descrições as contradições internas são omitidas (REZENDE; SILVEIRA; SISS, 1999, p. 33).

Este presente trabalho tem como objetivo mostrar através da pesquisa qualitativa, se o preconceito racial é predominante na sociedade do município de Tabatinga, Amazonas, Brasil. Dentro deste contexto tentaremos abordar questões que concernem essa ideia, bem como ações e situações deste mesmo tema, que estão presentes no dia-a-dia.

MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho foi realizado no Município de Tabatinga, Amazonas, Brasil, os participantes da pesquisa foram cidadãos maiores de 18 anos, de sexo masculino e feminino, inseridos em suas devidas funções e cargos públicos, selecionados aleatoriamente.

Para produção deste trabalho foi utilizado a metodologia qualitativa, que dá forma e caráter aos resultados do processo investigativo, e na obtenção de dados foi realizado pesquisa com questionários previamente construído. As entrevistas foram gravadas em áudio de mídia, e anotados em papel, os participantes assinaram o termo de permissão que nos deu o direito de entrevista-los.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A princípio o que podemos concluir é que no processo de abordagem os participantes a maioria se apresentavam desconfiantes que acabavam se recusando falar do assunto, ou mesmo não se auto declaravam negras, mesmo que do ponto de vista biológico isso fosse evidente.

Em contrapartida disso, foi possível identificar pessoas que se autodeclaravam negras, entretanto o que ficou evidente neste declarar foram os benefícios pessoais que esta categoria pode oferecer na sociedade.

Os entrevistados “A”, e “B”, quando perguntados se haviam sido vítimas de preconceito da cor da pele, foram bem claros na afirmação do sim, no qual ficou evidente que as primeiras manifestações das agressões verbais, sempre ocorrem na idade da infância, cometida por grupos de colegas da escola, ainda criança. De acordo com a visão do entrevistado “B”, essa agressão já ocorre a partir do momento de seu nascimento.

De acordo com ORTIZ (2005), o preconceito está presente na escola, já nas séries iniciais, a falta de materiais que tragam imagens positivas do negro, demonstra a discriminação sofrida pelas crianças na escola.

Analisando a segunda pergunta, onde se questionava, “ como as pessoas lhes tratam na sua presença? ” A entrevistada “A”, afirma ser tratada de forma igualitária, sem nenhuma diferença, entretanto, o entrevistado “B”, diz o seguinte:

“Depende, primeira expressão é o olhar, analisa, e daí surge o preconceito, mais, o preconceito existe dentro da pessoa preconceituosa, também ele ocorre dependendo de onde a pessoa estiver, se for numa escola, vão falar, ou ele veio roubar ou traficar, se for no banco ele veio roubar, se estiver próximo de um presidio, é porque ele acabou de ser solto. ”

Refletindo sobre está fala, ressaltamos os estereótipos, que são ideias generalizadas, que se remetem a fazer pré-julgamentos, sem se quer ter base alguma de conhecimento de causa, estas que estão cristalizadas na mente, para tudo há uma definição, que conscientemente acabam praticando.

BORGES, D'ADESKY e MEDEIROS (2002) diz; certas rotulagens estereotipadas são cotidianamente disseminadas entre as pessoas por meio

de expressões como: “os baianos pai de santo”, “os mulçumanos são terroristas”, declarações discriminatórias.

Por outro lado, um resultado positivo analisado, foi quando perguntado como procedia essa questão do preconceito racial dentro do âmbito profissional, tanto entrevistado “A” quanto o “B” afirmaram que não acontecia, pois dentre de uma instituição ou empresa sege o princípio da ética e responsabilidade.

A respeito dos apelidos os entrevistados afirmaram que sofreram pressão psicológica na infância, na escola, entre outros lugares, entretanto, nunca se sentiram abaladas ao ponto de se isolar, ou mesmo ter um trauma que os limitasse. Isso é evidente na fala do entrevistado “B”, onde ele diz;

“Ganho meu salário, 80% maior dos que se dizem brancos, tenho a mulher que quiser, se não for por amor eu adquiero com dinheiro, compro as coisas que quiser, não devo nada a ninguém”.

A condição social aqui vem ser uma ferramenta de superação do preconceito, onde quem ganha mais, tem melhor acesso a bens e consumo porque pode pagar pelos serviços.

Quando questionados se já haviam sido impedidos de entrar em algum lugar, somente o entrevistado “B” afirmou: *“ Saltei do ônibus entrei na concessionária, e por estar de chinelos com uma sacola na mão, ninguém me atendeu, então chamei o gerente, mostrei os 31 mil reais que estava na sacola para comprar o carro à vista e logo passaram a me tratar muito bem. ”* Percebemos que o poder capital exerce muita influencia na forma de tratamento das pessoas e inclusão.

HASENBALG (1979) conclui que, o conjunto de mecanismos ideológicos, que adere ao preconceito é, elaborado por uma elite racista, refletindo assim no processo concreto de seleção econômica dos negros.⁴⁴

De acordo com a análise das respostas, toda ação do preconceito racista, ocorre de maneira consciente, porque sabem a definição, sabem que não é humano tratar os outros como se fosse superior, e mesmo assim praticam, é uma ação que já imprimiu caráter na vida daquele que é preconceituoso.

Na última fala o entrevistado encerra dizendo o seguinte: “ *Hoje já posso dizer que as minhas melhores amizades são com pessoas ditas de cor branca, tenho os melhores amigos, e convivo bem com cada um deles*”.

Dá a entender que com o passar dos tempos, algumas barreiras são quebradas, e que, por conseguinte temos aqui a prova de que o preconceito e a diferença racial podem ser vencidos, ainda que muitos tabus tenham que ser quebrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade de forma geral passa por um período marcado por corrupção, desigualdade social, humana e cultural, e o preconceito racial mesmo que até aqui avançamos no combate ao preconceito com a Lei nº 12.288 de julho de 2010, ainda é pouco, ao mesmo tempo observamos a tirania das pessoas, e a fragilidade dos sistemas que fazem o dito “controle” e promovem o “equilíbrio” e a “harmonia” do povo.

Analisamos que a ocorrência do preconceito racial no Município de Tabatinga está impregnada, cristalizado, e estereotipada nas pessoas. Portanto existe a necessidade de reestruturação ou reeducação das pessoas, sobretudo nas series iniciais, onde as suas personalidades estão se formando.

Para um lugar que originariamente descende de indígenas e afrodescendentes, é até hipocrisia por parte dos preconceituosos, dizer que é preciso educar para combater, sendo que as vezes inconscientemente se comete a discriminação, e quando é consciente surge a negação, e essa situação gera conflitos complexos entre as pessoas.

Os preconceitos são óbvios quando cometidos, e raramente as pessoas assumem que são preconceituosas. OLIVEIRA (2007).

AGRADECIMENTOS

A Universidade do Estado do Amazonas – UEA, do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, por todo apoio administrativo na execução do trabalho, aos

professores desta renomada instituição de ensino pelo apoio e o incentivo à produção científica.

REFERENCIAS

BORGES, Edson, D'ADESKY, Jacques, MEDEIROS, Carlos Alberto. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro : Graal. 1979

ORTIZ, Cisele. Só não enxerga quem não quer: Racismo e preconceito na Educação Infantil. **Revista Avisalá**, nº 23, nov. 2005.

OLIVERA, Ivone Martins de. **Preconceito e Autoconceito**: Identidade e Interação na sala de aula. São Paulo: Papirus, 2007.